1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 9ª LEGISLATURA

ATA CIRCUNSTANCIADA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA COM A FINALIDADE DE DEBATER O PROJETO DE LEI Nº 303/2023 QUE "DÁ NOVA DENOMINAÇÃO AO RESTAURANTE COMUNITÁRIO DE CEILÂNDIA",

DE 19 DE JUNHO DE 2023.

INÍCIO ÀS 19H35MIN	TÉRMINO ÀS 21H33MIN

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Senhoras e senhores, boa noite.

A Câmara Legislativa do Distrito Federal instala-se nesta região administrativa para a realização de uma audiência pública para debater o Projeto de Lei nº 303/2023, que "dá nova denominação ao Restaurante Comunitário de Ceilândia".

Convidamos para tomar posição à mesa, para presidir esta audiência pública, a presidente da Comissão de Fiscalização, Governança, Transparência e Controle da Câmara Legislativa do Distrito Federal, deputada Paula Belmonte. (Palmas.)

Convidamos para compor as mesa as seguintes pessoas: o administrador regional de Ceilândia, Dilson Resende de Almeida; Adriana Pereira, esposa do DJ Jamaika; a gerente do restaurante comunitário da Ceilândia, Larissa Brandão; Rei, do grupo de *rap* Cirurgia Moral, representando a cultura do *hip- hop*; o DJ Silvinho, representando a cultura do *flashback*; e o Roberto Felix, membro da diretoria do grupo Lobo do Asfalto. (Palmas.)

Passo a palavra à deputada Paula Belmonte.

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Obrigada.

Boa noite a todos. Que Deus nos abençoe.

Tenho a honra de declarar aberta a presente audiência pública da Câmara Legislativa do Distrito Federal para debater o Projeto de Lei nº 303/2023, que "dá nova denominação ao Restaurante Comunitário de Ceilândia".

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Registro a presença de todas as autoridades, mas em especial a presença de vocês, moradores aqui de Ceilândia. Quero também registrar a presença do meu amigo, deputado Max Maciel. Seja muito bem-vindo. Sente-se aqui conosco.

Estamos aqui iniciando esta discussão que, para mim, tem um significado importante. Mas, antes, eu não posso deixar de falar deste espaço tão bonito, Dilson, que você fez em homenagem ao nosso DJ Jamaika. Isso aqui foi pintado e concluído hoje. Depois eu gostaria que você falasse rapidamente a respeito disso.

Quero agradecer essa homenagem a essa pessoa tão importante e especial para mim. Posso dizer que ele foi um amigo. Eu conheci o DJ Jamaika em 2018. Até aquele momento, confesso que não conhecia a cultura *hip-hop*. Ao contrário, eu tinha até certo preconceito. A partir do momento em que conheci o DJ Jamaika e sua família, me tornei fã dele. Sou muito grata pelo trabalho que ele

fez para fazer com que Ceilândia fosse mostrada ao mundo. Em especial, ele trouxe muitos jovens que hoje já são avós, mas que também movimentam essa cultura que salva vidas.

Graças a Deus, ao longo desses 5 anos, eu posso dizer que o DJ Jamaika era um amigo e eu era uma amiga dele. Eu tive a honra, o merecimento e o presente, uma semana antes da despedida dele, de estar na frente do restaurante que era o antigo Quarentão, onde fizemos um documentário e ficamos lá por horas.

Eu vi o tanto que ele se emocionou ao chegar lá. Ele estava em uma cadeira de rodas. Quando nós chegamos e nos aproximamos, ele começou a chorar. Foi um momento muito especial, muito especial mesmo!

Ele contou a história de Ceilândia. Ele contou que era de Taguatinga, mas que o sonho dele era morar na Ceilândia porque ele estudava no Sesc e falava que os amigos dele que moravam na Ceilândia tinham uma voz diferente, cantada; que era um linguajar diferente. Eles contaram como eles faziam as festas e disseram que a música do DJ Jamaika retratava aquilo que eles viviam. Eles disseram que colocavam umas caixas de som lá fora e as pessoas que estavam ali na frente da feira também podiam vivenciar aquilo.

Essa é uma grande homenagem ao DJ Jamaika. Quero registrar esse nome que levou Ceilândia ao mundo, mas quero registrar, em especial, a cultura *hip-hop* da Ceilândia e do Distrito Federal.

Inicio a nossa audiência pública em consulta pública aos senhores, passando a palavra rapidamente a cada membro da mesa para que possamos escutá-los. Esse é o nosso grande objetivo.

Concedo a palavra ao meu colega e amigo Aba Reta, deputado Max Maciel. (Palmas.)

DEPUTADO MAX MACIEL – Boa noite, gente.

Quero agradecer à senhora, deputada Paula Belmonte. Nós assinamos conjuntamente o requerimento, a seu pedido, a sua ordem, para esta audiência, mais do que merecida.

Talvez pouca gente saiba, mas o Jamaika não ficou feliz quando o Quarentão foi transformado em um restaurante. Quem conhece sabe da história. Eu acho que é uma boa oportunidade... – viu, administrador Dilson? Nós temos muito respeito – não é, Rei? – pela história e somos a favor da segurança alimentar, de termos a população se alimentando. Mas, quando o Quarentão vira um restaurante, perdemos mais um equipamento cultural, que é marcante para a história de tantos no Distrito Federal, que embalou vários bailes aqui. Eu era menor de idade, não podia entrar lá. Fui apenas a um casamento dentro do Quarentão.

Foi na frente do Quarentão, junto com o Sobreviventes de Rua, o PR 15, e vários outros grupos, que eu me filiei ao MH2O, que é o Movimento Hip-Hop Organizado, quando o Milton Sales e os Racionais vieram aqui. Nós estávamos começando, em 1998. Nós assinamos a ficha de filiação do MH2O.

Termos o restaurante com o nome do DJ Jamaika em um espaço que já recebeu o Belchior e tantos outros é muito mais do que uma homenagem, talvez seja um resgate para tornar novamente aquele espaço um espaço cultural importante de Ceilândia, que é tão merecido e que honramos muito. Então, quero parabenizá-la por esta audiência, quero dizer que a senhora tem nosso total apoio, e ainda mais do que isso.

Estou vendo aqui várias pessoas que fizeram escola nessa história do Jamaika. Estou vendo o Elom, o Big Jam aqui presentes; toda a turma dos antigos mobilistas de que eu e o Jamaika fazíamos parte. Quero saudar o Clube do Opala, que está presente aqui conosco, o Lobo do Asfalto, que ele criou. Está aqui o Marcelão, do Antigos Da Ceilândia. Não é, Márcio?

Eu acho que isso é importante também para a memória que o Jamaika tinha, porque, se hoje nós temos apreço ao Opala, é porque ele embalou muitas músicas nossas, é a trilha sonora dos nossos caminhares, de quando realizamos os nossos encontros. Isso é importantíssimo para nós.

Estamos aqui para nada além de reverenciar esta audiência pública e manifestar o nosso apoio à mudança do nome, acordando obviamente com a comunidade essa homenagem mais do que

merecida de haver essa marca do DJ Jamaika. Na verdade, nós queríamos o túnel de Taguatinga, não é, deputada Paula Belmonte? (Risos.)

(Intervenção fora do microfone.)

DEPUTADO MAX MACIEL – Mas quem sabe, no futuro...

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Hoje eu falei para o deputado Max Maciel: "Deputado, merecido mesmo era o túnel de Taguatinga, mas eu não vou entrar nessa briga, não".

DEPUTADO MAX MACIEL – Ligação Ceilândia e Taguá, seria conexão direta.

Viva toda a família – viu Rivas? Ravel, toda a saudação pela memória... Contem conosco nesta caminhada. Nós estamos lá.

Só para encerrar, deputada Paula Belmonte, nós contamos com o seu apoio também. Nós apresentamos o projeto de lei que torna o *hip-hop* patrimônio cultural e imaterial e cria a semana distrital do *hip-hop.* Ele entrará em votação amanhã na casa. Nós mandamos um recurso que cria o GT do *hip-hop* na Secretaria de Cultura e queremos que o *hip-hop* também seja uma política pública fundamental, que capacite os nossos e as nossas nas escolas, nos centros de internação, na rua, de forma legítima, sem preconceito, como o Jamaika sempre preconizou nas suas músicas, nas suas letras.

Então, gostaria de saudar o nosso irmão Jamaika. Viva a sua memória!

Obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata.

Deputado, o senhor trouxe um pouco dessa questão do espaço cultural, e nós estamos nos movimentando para que possamos resgatar a memória desse espaço. Eu estava conversando com a Adriana, e, naquela época, nós não tínhamos celulares. Então, Adriana, se você puder se concentrar nisso. Nós estamos querendo fazer um documentário desse centro cultural. Por isso, quem tiver imagens, fotografias daquela época, nos procure para podermos escanear essas fotos e desenvolver uma homenagem ao DJ Jamaika também.

Passo a palavra ao senhor Roberto Felix, membro da diretoria do grupo Lobo do Asfalto.

ROBERTO FELIX – Boa noite, pessoal.

Falarei pouco, porque me emociono ao falar do Jamaika.

O Jamaika significa caridade, doação. Quando começamos o nosso trabalho com o grupo Lobo do Asfalto, era só nisto que ele pensava: em ajudar o próximo, os mais carentes. A ideia dele sempre foi realizar esse trabalho no centro da Ceilândia, ao lado do restaurante comunitário – nunca tiveram a ideia de colocar o nome dele no restaurante. Ele queria fazer o Lobo do Asfalto no centro da Ceilândia para que todos o vissem. A preocupação dele era arrecadar alimentos. Ele se preocupava muito mais em arrecadar alimentos do que os caras aí. A alegria dele era tanto em arrecadar como em entregar. Ele sentia um enorme prazer ao entregar os alimentos.

Um restaurante mais barato alimenta o próximo, os mais necessitados. O Jamaika dava o alimento para a pessoa. Isso tem tudo a ver, esse nome não poderia ser em outro lugar, tinha que ser no restaurante.

É uma providência estarmos aqui por conta do que o Jamaika foi e do que ele representou para nós aqui na Ceilândia. Estou há 50 anos na Ceilândia. A vida inteira o Jamaika foi assim. Não o conheci antes porque eu era mais novo, mas eu via o trabalho dele. Quando eu me aproximei dele, me apaixonei pelo que ele fazia: caridade, doação.

Ele era incansável, não sei onde ele arrumava tanta energia, nós não conseguíamos acompanhá-lo. Ele estava em todos os lugares. Cansei de ir atrás dele levar cestas. Ele me fazia andar 20, 30 quilômetros para entregar uma cesta, muitas vezes não compensava, mas ele dizia: "Traga aqui, Beto, eu quero essa cesta. Está faltando uma cesta, ela está no seu carro. Traga aqui". Era para dar ao próximo. A doação feita por ele era fantástica.

Não vou falar mais para não me emocionar.

Gente, muito obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, Roberto.

Passo a palavra ao DJ Silvinho, representando da cultura do *flashback*.

SILVINHO – Boa noite a todos. Peço desculpas pela minha voz.

Primeiramente parabenizo a deputada Paula Belmonte e todos precursores envolvidos neste projeto de reconhecimento de uma pessoa que...

Eu sou uma pequena parte do movimento *flashback* na Ceilândia, estou aqui neste lugar que poderia estar sendo preenchido por muitas pessoas. Assim como o Jamaika, eu acompanhei o crescimento desse movimento na Ceilândia. Hoje a Ceilândia ainda está em ascensão – é uma garota, não é? –, ela tem 52 anos e 350 mil habitantes. Ela serve de referência para muitos projetos, foi palco para muitas coisas, mas eu não quero falar da Ceilândia. Nós vamos falar aqui do DJ Jamaika, do que ele representou para Ceilândia.

Nos anos 80, quando o Jamaika iniciou sua carreira musical, houve no Brasil um grande avanço tecnológico, comunicativo, mobilístico, áudio e visual. Sempre com a mente avançada, ele falou: "Mano, já estão trocando os alto-falantes sanfonados por suspensão. Nós vamos ter que mudar essa parada aí. Vamos colocar um grave nesse nosso estilo, cara!" E, assim, ele conseguiu uma mudança no estilo do *rap*, que alcançou não só a Ceilândia, mas também saiu para todos os lugares do Brasil.

Ceilândia foi reconhecida no *rap* com o DJ Jamaika. Eu não preciso falar sobre os primeiros álbuns que saíram. Antes disso, ele era um cara – como o nosso amigo enfatizou – bem família e preocupado. Amava muito a cidade de Ceilândia. Tanto é, que ele tatuou a caixa d'água no seu braço, de tanto amor e carinho que ele tinha por esta cidade. Quantos eventos voltados para as comunidades carentes ele fez, principalmente para Ceilândia e Sol Nascente!? Eu o acompanhei em muitos eventos de *flashback;* nós fazíamos arrecadação de cestas. Ele movia o que podia e o que não podia e recorria a quem quer que fosse. Por conhecimento dentro da administração, buscava umas tendas, se virava e conseguia arrecadar o alimento, conseguia arrecadar o remédio, e nós os entregávamos a esse povo. Ele sempre com um sorriso estampado, com boa vontade para ajudar o próximo. Isso, eu guardo dele.

Ceilândia tem uma avenida que a corta a Hélio Prates – foi homenageado o Hélio Prates. O nosso estádio Abadião também foi uma homenagem. E eu digo aqui que o restaurante comunitário somente acrescentará o nome, não haverá mudança. Será Restaurante Comunitário DJ Jamaika, em reconhecimento a uma pessoa que sempre esteve pronto para ajudar o próximo, principalmente os moradores da Ceilândia, os moradores de periferia.

Eu o acompanhei em alguns eventos, em missões no Sol Nascente, onde muitas pessoas carentes foram ajudadas por projetos do Lobo do Asfalto e de outros.

Em virtude da minha voz, eu quero terminar com uma frase que saiu da Ceilândia e hoje percorre o mundo: "Mais *rap* no sangue e menos sangue no *rap*". (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, Silvinho. Que Deus o abençoe.

Eu passo a palavra agora ao senhor Rei, do grupo de *rap* Cirurgia Moral, representante da cultura *hip-hop*.

REI – Boa noite a todos. Tem uma galera aqui, hoje! Que massa! Eu quero agradecer a todos vocês que são representantes do movimento *hip-hop*.

Vou falar um pouco dessa caminhada do Jamaika, porque tudo que ele viveu, que nós vivemos, tornou-se um sonho. Ele transformou uma cultura marginalizada desde os anos 80, dentro de Brasília, que estourou para o Brasil, e hoje o *rap* é a música mais ouvida do planeta. Então, eu, o Rivas e o Jamaika tivemos o prazer de estar juntos nessa construção.

O ruim de estarmos aqui é o reconhecimento póstumo. O lado ruim é esse. Em vida, talvez ele não tenha tido o reconhecimento que merecia. Falo isso porque vivi a maior parte da minha vida ao lado dele, escrevendo músicas, cantando e viajando. Tenho uma frase que falo sempre quando as pessoas me perguntam se eu conheci o Jamaika ou se eu era amigo dele, falo sempre que tenho mais horas convividas com ele do que com os meus irmãos de sangue.

Postumamente, aceitamos esta homenagem – sabendo que isso poderia ter sido feito em vida – pelo grande artista que ele foi e pelo seu legado de transformar o *hip-hop* não só de Brasília, mas do Brasil. Nada mais justo do que um lugar onde nos divertimos muito, fizemos muitos shows... E ficamos tremendamente tristes quando o Quarentão fechou. Tornou-se um restaurante comunitário, que recebeu o nome dele.

De antemão, agradeço à deputada Paula Belmonte a iniciativa. Eu quero dizer que a memória dele, o legado dele nunca será esquecido por nós.

Era só isso, mesmo. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, Paulinho Rei. Que Deus nos abençoe.

Hoje, nossa Constituição Federal, para equipamento público, só pode receber homenagem, infelizmente, de pessoas que não estão mais conosco. Mas acho muito justo esse reconhecimento e vejo a importância dele neste salão cheio, exatamente para que essa memória fique registrada.

Digo, mais uma vez, que estou encantada com esta pintura, Dilson. Muito grata, Rivas, pela sua gentileza.

Concedo a palavra à gerente do restaurante comunitário da Ceilândia, senhora Larissa Brandão.

LARISSA BRANDÃO – Boa noite.

Eu gostaria de agradecer o convite e dizer que, para nós, é um prazer estar nesta audiência pública, em que o cidadão pode exercer o seu direito de decisão pelo patrimônio público, por um bem comum, pelo coletivo.

Eu não conheci o DJ Jamaika pessoalmente, mas a história dele foi muito bonita. É um legado muito grande. Ele ditava, mesmo, as coisas que aconteciam com as pessoas com vulnerabilidade social. Então, todo mundo conhecia um pouco da história e das músicas e, com isso, ele ficou conhecido também mundialmente. Acho essa homenagem justa.

Vou falar um pouquinho do restaurante comunitário. Muitos de vocês devem ser comensais do restaurante comunitário da Ceilândia, que hoje atende a cerca de 4 mil pessoas que vivenciam exatamente esta situação de vulnerabilidade.

Diferentemente dos outros 13 equipamentos que temos na capital, o restaurante comunitário da Ceilândia possui uma particularidade bem grande por haver pessoas em mais situação de vulnerabilidade, tanto pessoas usuárias de drogas, como pessoas com necessidades financeiras, entre outras coisas.

Hoje, nós conseguimos ver, realmente, o que é tudo isso relatado pelo *rap*.

Agradeço a oportunidade. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Estou muito grata, Larissa.

Nós sabemos da importância do alimentar. O mínimo que podemos fazer é dar dignidade para as pessoas.

Estou muito grata pelo seu trabalho diário.

Passamos a palavra, agora, à senhora Adriana Pereira, esposa do DJ Jamaika. (Palmas.)

ADRIANA PEREIRA – Boa noite a todos.

Eu agradeço à deputada Paula Belmonte pela iniciativa e agradeço a todos – é claro – que estão presentes por estarem aqui nos apoiando.

É lógico que todas as pessoas têm o direito de aceitar ou não essa iniciativa da deputada Paula Belmonte, mas, a meu ver, é uma iniciativa justa.

A deputada Paula Belmonte se lembrou de um dia em que ela esteve no Quarentão para fazer aquele documentário. Eu me lembro de que, nesse dia, o pessoal do gabinete entrou em contato conosco e eu falei para o Jamaika: "Jamaika, o pessoal pediu para você achar um lugar que seja uma referência para você, um lugar em que você se sinta bem à vontade, um lugar que conte

um pouco da sua história". E ele falou: "Ué, o Quarentão!". Então, ele não tinha dúvida de que esse lugar era algo que representava muito para ele, que representava muito a trajetória dele, desde o início da história dele.

Houve uma situação em um grupo – aliás, não foi em um grupo, mas em uma rede social –, em que uma pessoa comentou: "Poxa, isso não é justo com o Roriz". Mas a situação não é em relação ao restaurante em si. Está se falando de uma história anterior a isso.

Esse restaurante – o Jamaika sempre falava que –, quando era o Quarentão, não era só por causa das festas de *flashback* ou de alguma coisa nesse sentido. Era um lugar que atendia a comunidade, no sentido de realizar festas de 15 anos e de casamento. As pessoas tinham a oportunidade de utilizar aquele espaço, principalmente as pessoas que eram mais carentes e que não tinham condições de pagar um espaço para poder realizar as suas festas. Elas utilizavam esse espaço.

Eu quero até fazer um adendo em relação à sua fala, deputado Max Maciel, e à fala do Rei. O Jamaika realmente ficou triste quando se fechou o Quarentão. Quando se abriu o restaurante comunitário, é lógico que se questionou: "Poxa, fechou-se um lugar onde se fazia cultura", pelo fato de ele ser da cultura, e transformou-se o lugar em um restaurante. Por outro lado, ele entendeu que existia a necessidade, realmente, de um restaurante naquela região. Não necessariamente precisaria ser no Quarentão, mas ele entendia que realmente havia a necessidade disso.

O Jamaika era a pessoa que se preocupava com a necessidade do outro, ele queria ver as pessoas bem.

O Beto até citou aqui a questão das cestas básicas. Eu me lembro de uma situação em que fomos ao Sol Nascente, na parte de baixo, atrás de uma família, porque passou alguém lá em casa e falou que essa família estava precisando de ajuda. E o Jamaika já se movimentou e falou: "Deixe-me achar alguém para me trazer uma cesta aqui, porque eu tenho que ir lá ajudar essa família".

Quando nós chegamos, essa mulher tinha 8 filhos e mais 1 na barriga, e ela não tinha nada para comer. Era uma situação bem crítica, triste mesmo. Ele foi lá e entregou umas 3 cestas para essa mulher. Ele chorou. Ele se emocionava com essas situações, porque ele gostava de ajudar, mas ele não queria ver as pessoas naquela situação. Então, ele era essa pessoa que se preocupava muito com o outro. Ele se preocupava em melhorar as coisas para o outro. Ele não queria o melhor só para ele.

Então, ele era essa pessoa não somente nessa questão de ajudar fora de casa. O Jamaika era essa pessoa dentro de casa. Ele era essa pessoa que estava preocupada mais com o outro que com ele. Minha mãe mesmo, esses dias, falou que ele passou a ser um filho para ela. Minha mãe falou assim: "O Jamaika se tornou um filho tão bom que eu acho que, se eu pedisse a lua, ele daria um jeito de buscá-la para mim". (Risos.)

Então, ele foi uma pessoa que contribuiu muito para o crescimento cultural e para o crescimento social desta cidade. Ele contribuiu da maneira que ele pôde, da maneira que ele conseguiu. Ele sempre queria fazer mais. A mente dele funcionava, e tinha dia que eu falava: "Meu Deus, você, em uma hora, pensa uma coisa, daqui a pouco, você está pensando em outra e, daqui a pouco, muda". Ele falou: "Não! A minha mente é assim". Ele tinha uma mania de ficar sempre batendo os dedos, lembrando-se de alguma música. Esse era o outro lado dele. Nessa questão de música, parece que era o que movia ele. Ele sempre funcionava por meio das músicas e eu falava isso para ele.

Ele tinha todas essas qualidades. Ele tinha defeitos, também, como todos nós temos, mas ele era essa pessoa. Eu acho totalmente justa essa homenagem a ele, porque ele contribuiu muito com esse crescimento da Ceilândia. Ele contribuiu muito com a cultura e não somente com a cultura.

Então, é isso. Eu quero agradecer e dizer a todos que eu estou muito feliz com este momento, apesar de também estar triste com a situação. Eu não queria estar comemorando este momento, esta homenagem, mas, infelizmente, esse é o ciclo da vida e é isso.

Eu queria falar muitas coisas, mas vamos ter outras oportunidades. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Grata, Adriana. Que Deus a abençoe.

Eu também preferiria estar em outro momento fazendo um *show*, não é Silvinho? Mas é uma homenagem e é justa.

Eu vejo que uma coisa que temos que entender é que homenagear uma pessoa que trouxe Ceilândia ao mundo – quando falamos em trazer Ceilândia ao mundo, é que Ceilândia começou a ser vista, inclusive, pelas autoridades – não significa que estamos deixando de homenagear outras. Isso significa que nós estamos homenageando – e é muito importante que possamos homenagear – pessoas simples, pessoas que estão ali no nosso dia a dia.

Por isso, eu acho que esta homenagem, como cada um falou aqui, é justa e faz parte da vida de muitos que estão aqui. Isso não significa, de maneira nenhuma, que nós estamos desprestigiando qualquer pessoa que seja. Muito pelo contrário, nós estamos homenageando mais um ceilandense aqui do nosso Distrito Federal.

Estou muito grata.

Algumas pessoas, administrador, falaram: "Eu ainda não conheço o nosso administrador". Então, está aqui o nosso administrador. Se você quiser se levantar para todo mundo vê-lo...

Concedo a palavra ao administrador regional de Ceilândia, Dilson Resende de Almeida, que teve a sensibilidade de deixar esta sala pronta para receber todos vocês. Estou muito grata.

DILSON RESENDE DE ALMEIDA – Gente, boa noite. Cumprimento a deputada Paula Belmonte, autora desta audiência; o deputado Max Maciel, que é um grande parceiro e tem trabalhado muito, junto à equipe dele, com a administração; a Adriana, nesta singela homenagem ao DJ Jamaika.

Eu tive a oportunidade de conhecê-lo um pouco antes do aniversário de Ceilândia e do falecimento dele, mas foi uma conversa que me impressionou muito. Eu falei para todas as pessoas, inclusive lá em casa para minha esposa, para minhas irmãs, que eu tinha tido o privilégio de conhecer o DJ Jamaika. Não sei se você lembra disso, mas foi uma conversa até longa, de uns 40 minutos, em que ele falou muito o que pensava para o aniversário de Ceilândia, para os movimentos sociais da cidade.

Então, eu tive a felicidade, ainda que por poucos e breves momentos, de ter trocado essa ideia e convivido com ele, com você e com sua família. Eu acho que qualquer homenagem que se fizer a ele, pela importância que ele representa para esta cidade, é merecida e devida.

Cumprimento os demais membros da mesa, os amigos dele e a comunidade aqui presente. É importante este momento em que a comunidade toma as rédeas da situação e a decisão sobre o que é bom para a cidade dela. Não estou nem entrando no mérito da decisão da mudança do nome do restaurante comunitário – é uma decisão que vai ser de vocês, que não passa pela administração –, mas eu acho que toda homenagem a uma pessoa que foi um ícone para a cidade é merecida.

Agradeço ao Rivas e ao Elom, que terminaram o grafite hoje. Já corri hoje de manhã, tirei uma foto, e mandei para a minha esposa. Ela ficou impressionada com a qualidade. Realmente, está muito bonito. A técnica é perfeita. Eu sou um fã de grafite, a administração está recebendo alguns trabalhos assim. Há um movimento na cidade.

A estação de metrô e algumas outras áreas da cidade vão receber esse tipo de arte, mesmo com os poucos recursos que temos, não é, deputada? Infelizmente, o recurso público é escasso, mas temos somado esforços. O metrô vai fornecer o material e nós estamos buscando recursos – se vocês tiverem espaço na emenda de vocês –, para que possamos embelezar mais a cidade com essa arte, que é uma arte local.

Estivemos, na semana passada, na sexta-feira, na inauguração da Praça do Metrô, que é uma praça bastante importante para a cidade. Ela está ao lado da Estação Central – principal estação da cidade. Era um local em que não havia acessibilidade, que não dava conforto para a cidade nem para as pessoas que utilizam o metrô. Ela foi inaugurada, mas eu queria falar mesmo é do que o govenador anunciou naquele dia. Você ficou sabendo que ele vai fazer mais um restaurante comunitário ali próximo à Praça do Metrô, dada a demanda que cidade tem, segurança nutricional, alimentar...

As pessoas estão carentes de alimento com a condição financeira do momento. Nós estamos vivendo uma crise financeira, todo mundo está sentindo no bolso, o empresariado está sentindo.

Então eu acho que é mais um equipamento público que o governador, na sua sensibilidade, está trazendo para a cidade. São vários restaurantes como você falou, 14 com mais 1 que vai ser construído são 15. Eu o ouvi anunciando outro, então, já são 16; são mais 2.

Eu acho que homenagear uma pessoa em um restaurante você não está desmerecendo nenhum outro. Sabemos que o Joaquim Roriz teve uma importância para Brasília e para o Distrito Federal. Ele é reconhecido, ele é lembrado, e isso não desmerece ninguém.

Eu quero fazer uma homenagem a você, Adriana, mas eu estou procurando a minha assessora, Fernanda, mas eu não a estou vendo. Quando ela chegar... Eu vou pedir para esperarem mais um pouquinho. Ela está aí? Vou parar e vou quebrar o protocolo. Obrigado, Fernanda.

Quando houve aquela reunião em que nós estávamos organizando o aniversário da cidade, já estava previsto que faríamos um agradecimento a todos os parceiros. Vocês sabem que Ceilândia, como todo o Brasil e até o mundo, passou por uma pandemia e, com isso, muitos costumes, muitas homenagens, muitos festejos foram suspensos, e o aniversário da Ceilândia já havia um tempo que não acontecia à altura da cidade, como não aconteceu. Esperamos que o do ano que vem seja muito melhor, e o Jamaika esteve exatamente tratando desse assunto conosco. Tivemos apenas que mudar os dizeres do certificado – *in memoriam* agora. Preferíamos não estar fazendo assim também.

Adriana, este é um singelo agradecimento da administração, da equipe do governo para agradecer o apoio de vocês, porque, sem o apoio de todos, especialmente de vocês, esse aniversário não teria acontecido. Por isso, muito obrigado.

Com essas breves palavras eu me despeço. Estamos à disposição para qualquer coisa na administração. Quem queria me conhecer e quiser depois vir aqui, nós temos o gabinete aberto, eu recebo todo mundo. Logicamente, é bom marcar antes porque eu posso estar em outro compromisso, mas tenho por princípio receber, ouvir e acolher todos desta cidade maravilhosa que é Ceilândia.

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, Dilson.

Quero registrar a presença do representante da nossa vice-governadora, Estevão Reis. Seja muito bem-vindo.

Ouviremos as pessoas agora e, como são algumas, nós temos um prazo.

Nós estamos com uma situação na Câmara Legislativa e nós vamos ter que encerrar a nossa audiência, no máximo, às 21h30min. Por isso, eu peço a gentileza que as pessoas falem por 2, 3 minutos, no máximo, para que todos sejam escutados.

Concedo a palavra a Denise Nascimento, do Grupo de Mulheres da Ceilândia. Senhora Denise, seja muito bem-vinda.

DENISE NASCIMENTO – Boa noite. Primeiramente, eu quero agradecer à deputada Paula Belmonte – eu conheço o trabalho dela na Câmara dos Deputados e agora estou conhecendo na Câmara Legislativa –, e ao nosso administrador, que sempre esteve presente no nosso clube de mulheres – ele, inclusive, estava no nosso trio elétrico, em uma manhã inteira sob o sol quente, lutando contra o feminicídio.

Eu quero colocar a minha posição e depois quero justificá-la. Eu acho justíssimo fazer homenagem ao nosso grande amigo, que foi nosso colega de escola e cujo trabalho nós aprendemos a amar. Eu acho justo: tem que se fazer, sim, homenagem para ele! Tem que se fazer homenagem até além do que estão planejando. Acho que deveriam fazer homenagem na Praça do Cidadão e em vários locais na Ceilândia. E, complementando o que a deputada Paula Belmonte falou, eu acho que deveríamos lutar para colocar o nome dele no túnel, sim, deveríamos juntar toda essa população e reivindicar isso. Acho que seria o mais justo.

Eu diria aqui para nossa comunidade que eu não concordo muito em ser... Muitas pessoas falam "restaurante comunitário", mas o que está na ponta da língua do cidadão é "Rorizão". Quando o governador Roriz esteve nesta cidade e nos ajudou com as nossas casas próprias e nos deu cidadania, ele pensou em matar a fome do povo. Isso não está só na Ceilândia, isso está em todo o Distrito Federal. A marca "Rorizão" está em todo o Distrito Federal.

Então, eu me sensibilizo com isso. Conversando com várias amigas, vizinhos e companheiros, concordamos que aquela marca nós não podemos jamais deixar de ter. Como foi dito desta mesa, homenagear ou deixar de homenagear não seria a questão. Visando o amplo da situação, é basicamente isso.

Eu acho, sim, que nós temos que continuar com o nosso restaurante "Rorizão". Quando você fala com um pobre... Eu mesma, várias vezes, na rua, falo: "Toma aqui esse dinheiro e vai comer no 'Rorizão'." Ele não pergunta nem o endereço, porque todo mundo já sabe quando se fala "Rorizão".

Nós não estamos falando só da Ceilândia, nós estamos falando do Distrito Federal inteiro. Se nós tirarmos a marca "Rorizão" da Ceilândia, deputada, nós vamos realmente deixar de passar para a população o local definido onde se mata a fome. Estamos indo além de passar cidadania para as pessoas... É a fome do cidadão.

Deveriam ter lutado, sim, deputada, naquela época, para que o restaurante não fosse naquele lugar, mas hoje, infelizmente, é naquele lugar. Então, por que não fazer um projeto de lei que coloque em todos os *outdoors* do GDF o nome do nosso grande artista de Brasília, que foi um dos melhores de Brasília? (Palmas.)

Por que o nome dele não pode estar em todos os *outdoors* e não só em uma área que é destinada a matar a fome da população? Infelizmente, naquela época não era para ser assim, mas foi.

Por que não homenagear ele em todo o Distrito Federal? Ele não é um artista só da Ceilândia, ele é um artista do Distrito Federal. Então, ele tem que ser homenageado no Distrito Federal! (Palmas.)

E você pode fazer um projeto de lei para que o governador do Distrito Federal, quando fizer seus *outdoors,* coloque a marca do nosso grande artista.

A minha conclusão hoje é que não se deve tirar o nosso restaurante, não se deve tirar o nome "Rorizão", e, sim, aumentar a chance de divulgação do nosso artista, não o homenageando só naquele local. (Palmas.)

Muito obrigada pela presença!

Eu acho que seu marido tem que ser homenageado é em todo o Distrito Federal e não só em um lugar destinado! Na Praça do Cidadão e em vários outros locais. (A oradora dirige-se à esposa do DJ Jamaika.)

Obrigada, gente. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Obrigada, Denise.

Muito grata.

Eu acho importante escutarmos as opiniões.

Passo a palavra ao senhor Marco Paulo.

(Intervenção fora do microfone)

MARCO PAULO – Boa noite a todos.

Inscreva-se, ali, irmão. A sua opinião é importante.

Boa noite, deputada. Boa noite ao deputado Max Maciel, ao administrador e à chefe do Rorizão, como é chamada por todos.

Quero dizer a todos que nós tínhamos um artista reconhecido nacional e internacionalmente, DJ Jamaika, que fez parte da minha infância, da minha adolescência, como fez da de muitos.

Ele era um artista da música, da cultura da nossa cidade. Acho que, para homenageá-lo à altura do porte da cultura do *hip-hop* e da turma da música da nossa cidade, deveria ser construída nesta cidade uma praça de cultura com o nome do DJ Jamaika. (Palmas.)

Restaurante comunitário mata a fome. Está certo que houve a história do Quarentão lá atrás, não tirando o mérito, mas eu acho que, à altura dele, hoje, temos grandes praças e lazer na cidade: a turma do Smurfs, a do *hip-hop*.

Eu acho o seguinte: tem que se criar uma praça. Ceilândia tem potencial para isso. Com apoio do deputado Max Maciel e da deputada Paula Belmonte, pode-se destinar emenda para construir uma bela praça de cultura na nossa cidade, com o nome do nosso DJ Jamaika. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, Marco.

Eu passo a palavra para a senhora Selma Andressa.

Depois falará o senhor Elizeu Gomes.

SELMA ANDRESSA – Boa noite a todos. Eu estou aqui para agradecer ao DJ Jamaika o fato de ter chegado ao Sol Nascente e feito o Natal solidário.

Foi a primeira pessoa humana (*sic*) que chegou ao Sol Nascente e fez uma festa para uma criança que não tinha ânus – você sabe o que é ânus? É o órgão genital. Ele não tinha. Ele pediu: "Senhor, eu queria ter um Natal. Eu nunca tive um Natal na minha vida." Aí, o DJ Jamaika, a sua esposa e a filha dele chegaram e fizeram o Natal para essas crianças carentes do Sol Nascente, que não são vistas por ninguém, porque, até agora, o governo não chegou lá, não. Não chegou.

Todo mundo briga por um restaurante do Roriz. Sol Nascente? Restaurante do Roriz é na QNQ. Ele não chega ao Sol Nascente, não. Nós precisamos desse restaurante porque somos famílias carentes e temos muitas pessoas com necessidade precisando de ajuda.

Pelo DJ Jamaika, eu vim aqui pedir, até implorar – para a deputada Paula Belmonte; para o meu amigo deputado Max Maciel, que amo tanto; para a Adriana; enfim, para todos –, que o DJ Jamaika seja, sim, homenageado, porque ele merece. Ele merece ter seu nome em um espaço cultural, em uma praça cultural para os jovens, com *skate*, com música, com anfiteatro, porque o povo daqui merece. (Palmas.)

No Sol Nascente, na Ceilândia, eu vejo obras e mais obras serem feitas, e cadê a preocupação com as crianças, com os jovens? Estão todos soltos por aí fazendo coisa errada. Sabe por quê? Porque ninguém vê as famílias, as crianças pobres, as pessoas carentes.

Então, tome vergonha, governador. Ajude as famílias do Sol Nascente e o nome do DJ Jamaika.

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, dona Selma, que vai à feira logo cedo pegar alimentos para fazer comida para as nossas crianças. Parabéns pelo seu trabalho. Que Deus a abençoe.

Passo a palavra ao senhor Elizeu Gomes. (Pausa.)

Passo a palavra ao senhor Igor Samuel. (Pausa.)

Passo a palavra ao senhor Ítalo Amorim. (Pausa.)

Passo a palavra à senhora Flávia Moreira. Seja muito bem-vinda.

FLÁVIA MOREIRA – Boa noite a todos.

O meu nome é Flávia e sou moradora do Sol Nascente. Eu moro há 41 anos no P Norte e conheço o DJ Jamaika desde pequena. Por várias vezes, eu e ele conversávamos sobre a nossa infância. Algum tempo atrás, eu montei um instituto, e o DJ Jamaika estava me ajudando. O instituto se chama Instituto Amor de Mãe e fica no Trecho 2. No Natal Solidário, juntamente com ele e com a deputada Paula Belmonte, abençoamos mais de mil crianças no Sol Nascente, com uma festa no Dia das Crianças. Eu coloquei um projeto social dentro do Sol Nascente junto com ele. Ele me ajudou, antes de falecer. Esse projeto se chama Sorriso do Sol. É um projeto para pessoas que não têm condições de fazer tratamentos odontológicos. Já atendemos a mais de 200 crianças, a mais de 100 adultos. Eu vou levar para sempre, junto com ele, esse projeto.

Eu estou junto com a Adriana agora. Vamos colocar tudo em prática. Vamos colocar uns consultórios odontológicos na favela do Sol Nascente. Vamos atender todos os trechos gratuitamente e colocar o Sorriso do Sol na boca de todas as crianças, de todos os adultos, em homenagem ao DJ Jamaika.

Eu concordo claramente com tudo, para o restaurante comunitário ter o nome dele.

Eu agradeço à Adriana. Eu quero você sempre comigo. Não me esqueça. Eu estou indo embora no ano que vem, mas a Adriana vai ficar no meu lugar e vai tocar lá dentro o projeto do Sol Nascente, o Sorriso do Sol.

É só isso.

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, Flávia. Que Deus a abençoe.

Quero ouvir agora o senhor Jean Ives.

JEAN IVES – Boa noite a todos. Eu sou o Jean Ives, mais conhecido como Big Jam. Eu quero falar do Rorizão. Em princípio, o Rorizão era em Samambaia. Os outros Rorizões não tinham nome e vieram de carona. A homenagem ao Jamaika é muito boa, sim.

Quero falar para vocês que Ceilândia precisa de uma praça, sim. Por que não fazer uma praça para nós? Marco, já tínhamos conversado sobre isso, tínhamos falado ali da caixa d'água. Ali se poderia fundar uma praça, também com o nome do DJ Jamaika. Ali na frente é o local da gente. (Palmas.)

Galera, obrigado a todos. Vamos que vamos.

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, Jean. Isso que o senhor falou é verdade. Na realidade, o verdadeiro Rorizão começou em Samambaia. É isso mesmo.

Passo agora a palavra ao senhor Igor Samuel. Seja muito bem-vindo.

IGOR SAMUEL – Boa noite a todos.

Sou mais conhecido como Samuca. A galera me conhece assim. Tive a honra de ser amigo do Jamaika. Eu sou a favor de o restaurante comunitário ser chamado DJ Jamaika. Nada como uma homenagem a ser feita hoje; amanhã se constrói a praça e coloca-se nela o nome de DJ Jamaika também. Nada impede de haver vários monumentos na Ceilândia com o nome de DJ Jamaika, assim como existe Roriz em todo o Distrito Federal.

Um abraço a todos.

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, Igor.

Passo a palavra agora à Kelly Cavalcante. Seja muito bem-vinda.

KELLY CAVALCANTE – Boa noite. Eu quero cumprimentar a mesa na pessoa do deputado Max Maciel, que conheço há mais de 18 anos, trabalhando aqui na Ceilândia.

Eu tive o orgulho de conhecer o DJ Jamaika em trabalhos sociais. Eu trabalho com política há mais de 15 anos e, como moradora, vejo o quanto o trabalho dele é importante aqui para esta cidade.

Deputada Paula Belmonte, quero parabenizar a senhora pela iniciativa. Também tenho uma dúvida para tirar a respeito dos outros restaurantes comunitários: eles terão qual homenagem e para qual DJ?

Eu concordo com a minha amiga Denise que falou antes de mim. Eu acredito que Rorizão sempre foi o nome principal do restaurante comunitário. O nosso DJ da Ceilândia não se trata de um nome de restaurante, mas de cultura. Nós precisamos homenagear o DJ Jamaika não com um restaurante, não com uma praça.

Aproveito a oportunidade para sugerir ao administrador um projeto para estimular as crianças a conhecerem a cultura do *hip-hop*. Um projeto cultural! Vamos elevar o nome do Jamaika nesse âmbito cultural.

Eu quero falar apenas isso. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Obrigada Kelly.

É importante sabermos que, antes do restaurante comunitário, havia um espaço cultural, por isso tem todo um significado. (Palmas.) Esse espaço cultural chamava-se Quarentão. Foi onde começou essa cultura *hip-hop*, que foi levada para o mundo. Por isso, esse lugar tem um significado muito especial. Nesse sentido é que estamos fazendo essa homenagem.

Como foi dito aqui, uma semana antes do aniversário de Ceilândia e, também, infelizmente, do falecimento do Jamaika, este espaço foi o lugar em que fizemos o documentário. Quando chamamos o Jamaika para fazer o documentário sobre o aniversário de Ceilândia, esse foi exatamente o lugar a que ele nos levou, juntamente com outros amigos, para que relembrássemos desse espaço cultural.

Na realidade este espaço cultural de que tanto falamos... Temos aqui o administrador, que falou: "Olha, temos a praça do Metrô, que pode levar o nome DJ Jamaika". Temos também outros espaços, mas estamos querendo recuperar esse, porque é um local em que muito dos senhores, hoje, estão aqui para contar a história – graças ao Quarentão.

É isso que nós queremos recuperar. (Palmas.)

Passo a palavra ao senhor Master Fábio.

Enquanto Master Fábio está chegando, quero registrar a presença do senhor Everaldo Souto, que é um comunicador da Ceilândia que também leva Ceilândia para o mundo.

Muito grata por sua presença.

MASTER FÁBIO – É uma gratidão estar aqui e poder participar desta audiência.

Sou Master Fábio, amigo e irmão do DJ Jamaika – familiar. Tenho muitas palavras para falar; mas, sobre o que ele fez por mim, não há palavras.

Eu tenho até uma história em relação ao restaurante comunitário.

Certa vez, estava eu e o Jamaika aqui no centro de Ceilândia. Ele disse: "Bora Fabinho comer lá". Eu falei: "Bora lá". Estávamos almoçando no restaurante, veio um menino, chegou e falou assim: "DJ Jamaika no restaurante de 1 real!" Ele disse: "E você também não está não?" (Risos.)

Um menino até gravou um vídeo dizendo que ele nunca havia comido lá. Está aí no You... Mas comeu sim, porque eu estava lá.

Eu sou a favor de o nome dele estar no restaurante. Eu também estava no documentário, junto com a deputada Paula Belmonte, com o pessoal. Foi como a deputada Paula Belmonte falou: "Quando ele olhou para lá, chorou", porque a história dele está ali.

É como eu falei para a deputada um dia: "O Jamaika já esteve em cada rua, em cada esquina da Ceilândia". A história dele está em qualquer lugar da Ceilândia. Depois, foi se espalhando para Samambaia, para o Brasil e foi embora.

Agradeço a todo mundo. É isso.

Um salve para todo mundo. Estamos aí. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata.

Aquele dia foi emocionante. Ele vai ficar para a história. Que Deus o abençoe, Master Fábio.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Chegou?

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Então, vamos chamá-lo aqui.

Concedo a palavra ao Elizeu Gomes.

ELIZEU GOMES – Boa noite a todos, a todas, à mesa, que está representando esse lindo projeto.

Vim aqui, nesta noite, falar para vocês sobre o restaurante Rorizão. Ele é um restaurante que nos traz muitas lembranças. Muita gente que está aqui e que é da nossa época sabe que foi lá que conhecemos o *hip-hop*, que foi de lá que saiu toda a verdade da Ceilândia. Era lá que os grupos se reuniam para celebrar a cultura *hip-hop*.

Nesta noite, falar em poucos minutos do Jamaika é falar de família, falar de pai, falar de trabalho, falar de cultura. É falar do futuro para as crianças. Muitas vezes, não lembramos das crianças. O rei Pelé, há 40 anos, falou: "Vamos lembrar das nossas crianças".

O Jamaika simboliza tudo isso dentro do contexto do *hip-hop.* Ele é um cara que merece ser lembrado, não somente pelo restaurante Rorizão, já que o nome restaurante comunitário só vai sofrer um acréscimo.

Então, o motivo de estarmos aqui é celebrar isso e agradecer à amiga deputada Paula Belmonte. Eu não a tenho como deputada, eu a tenho como amiga que acompanhou todo o trajeto da saúde do nosso querido amigo DJ Jamaika.

Por esse motivo, assinei e assino para que haja o acréscimo DJ Jamaika ao nome do restaurante comunitário de Ceilândia. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Concedo a palavra ao Marcelo MK Jay. (Pausa.)

Concedo a palavra ao Rivas. Seja bem-vindo. (Palmas.)

RIVAS – Boa noite, boa noite.

Pessoal, em primeiro lugar, eu me lembro da história do Quarentão, que sempre foi nossa vida. Ninguém falou assim: "Nós vamos tirar o Quarentão e, agora, vamos colocar o restaurante comunitário". Cara, simplesmente, nós engolimos isso, está ligado? Não houve uma audiência pública. (Palmas.)

Este aqui é o caminho certo: uma audiência pública, para você poder ouvir a comunidade. O que a comunidade quer? Poxa, claro, com certeza, vamos ter contra e favor. Mas uma audiência pública torna essa parada legítima.

Eu vou te falar uma real... O processo que estamos vivendo aqui hoje...

Eu entendo muito bem que, a nossa vida toda, passamos pela Hélio Prates. Curtíamos no Bernardo Sayão. Chegou o momento de ter o nome dos nossos.

Eu não sou contra, muito pelo contrário, eu sou totalmente a favor do que o Roriz já fez, claro. Quem seria contra? Poxa, o Roriz revolucionou esta cidade. Está ligado? Agora, o restaurante é o primeiro processo, é o primeiro passo.

Eu não sei se estamos aqui para votar sobre... "Ah, vamos fazer uma praça, vamos lá para o túnel, vamos..." Hoje, estamos falando aqui do restaurante. E eu vou ser bem direto sobre o esquema. Sou totalmente a favor. Se esse é o primeiro passo, esse é o primeiro passo que vai ser dado. Vamos transformar o restaurante comunitário em Restaurante Comunitário DJ Jamaika! (Palmas.) É isso. Jamaika!

(Manifestação no recinto.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Quero passar a palavra, agora, para Wellington Grande. (Pausa.)

WELLINGTON GRANDE – Boa noite a todos. Primeiramente, cumprimento a mesa. Enalteço o projeto da deputada e o também o apoio do Marco.

Jefferson da Silva Alves, vulgo Jamaika, fez história em Brasília, fez história no Brasil. Eu me preocupo com a vaidade de algumas pessoas em se preocupar com que nome dar a um prédio, a uma alvenaria. Lá, se fosse um museu... E foi destruído. Por quê? Equipe de som, uma geração de 30, 40, 50, 60... Quantos aqui não já foram a um baile com luz negra, fumaça, amigos?

Ali há uma história. Não é só um prédio. Ali há uma história. Equipes de som Power Disco Dance e Smurfs Disco Club, do Markinhos, que está aqui. Grupos de *rap* – vários! – se inspiraram em Thaíde & DJ Hum.

Jamaika fez história. Antes de ser artista, o Jefferson – Jamaika – e outros grupos vieram... Ceilândia merece o respeito – Jamaika merece o respeito – de o termos como ícone, como representante do movimento *hip-hop*, sim. Por que não?

Também respeito o trabalho do governador Roriz, como bairro. Há bairro com o nome dele, enfim. Os projetos sociais devem ter o seu legado respeitado.

Não vão ficar sem restaurante. Tenho certeza de que Ceilândia, deputada, vai ter outra destinação, outro local para fazer o papel que o restaurante faz. Contudo o nosso museu do *hip-hop*,

do *flashback* vai ser resgatado, vai ser restaurado. Por que não? Diga-me por que não. Não há motivo. Por que a vaidade?

O DJ Jamaika merece, sim, essa homenagem inicialmente. Obras maiores terão o nome dele, deputada. Ele merece. (Palmas.) Eu quero aqui respeitar quem se opõe, mas não vejo nenhum impedimento para que isso aconteça.

Então, em nome do movimento *hip-hop*, do *flashback*, da galera da dança, do espaço cultural que lá vai se desenvolver com outros fomentos de atividade cultural e com outras atividades culturais que nós podemos desenvolver lá, quero liberar o espaço para casamento, aniversário, famílias carentes que não têm onde fazer esse tipo de evento. Que façam lá. Por que não?

O espaço é nosso. Aquele espaço é nosso. Ele vai ser restaurado. Então, o nosso museu do *flashback* e do *hip-hop* vai ser retomado. Essa destinação não é só justa, é também questão de hombridade. Acredito que todos os amigos aqui apoiam a ideia.

Então, deputada, enalteço novamente a iniciativa. Acredito que esse nome possa ser migrado para obras maiores do que o Quarentão; mas, como DJ, amigo, fã do movimento – participei dele –, eu pergunto para vocês: "Onde é que vocês estavam em 1982, em 1987?" Nos bailes lá da Power, não é? Juntando ali dinheiro. Ninguém nem tinha dinheiro. Para lembrar, o Silvinho, da época, está aqui. Quem é da época lembra.

Então, pessoal, o Master Fábio; o Rivas; vários aqui de 40, 50 anos hoje, os coroas; merecem, sim, ver aquele espaço restaurado. E que passe para as novas gerações, que passe como exemplo, que passe como uma referência o que o Jamaika foi, o que o movimento *hip-hop* faz. Está ali o Rey, que é do movimento também. Podemos trazer mais fomento, mais espaço, mais oportunidade para outras pessoas.

Ceilândia precisa desse espaço. Esse nome traz uma liga entre quem foi, quem fez história, quem tem respeito e quem merece. E será nosso novamente. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, Wellington.

Que Deus nos abençoe.

Passo a palavra agora para Safira. (Palmas.)

SAFIRA – Boa noite a todos. Cumprimento a Mesa, o Deputado Max Maciel – eu não o via há muito tempo –, a deputada Paula Belmonte, todos.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer. Esse agradecimento é muito de coração.

Eu comecei a acompanhar o meu pai, a correria dele na política contando com deputados para fazerem emenda parlamentar para projetos nas escolas – o Repensando, que começou em 2014 –, com 14 anos. Aí ele sempre apresentava os projetos dele e mudava de deputado – um aqui liberava uma verba, e outro ia lá e retinha. Eu nunca entendia por que meu pai não conseguia se firmar com um deputado. Até que ele tentou a eleição, em 2010, depois em 2014. Sempre foi muito conflitante para mim, porque, se já há um deputado, já há uma pessoa no poder para fazer um projeto andar, para mim, era mais fácil recorrer a ele.

Em 2017, eu falei algo para a deputada Paula Belmonte. Nós nos encontramos, eu falei assim: "Paula, eu estou entrando na faculdade. Estou escolhendo o curso de ciências políticas por sua causa!" Não lhe disse isso?

Eu comecei a fazer ciências políticas, porque o meu pai se identificou muito com a Paula Belmonte; consequentemente, eu também. Por muito tempo, eu me questionei sobre a relação do meu pai com a política. O fato é que ele entendeu que, nesse mecanismo da cultura com a política, para as coisas rodarem, as engrenagens precisam se encaixar. Então, para fazer os projetos sociais como Repensando nas Escolas, como Captação de Alimentos para ajudar as pessoas, ele precisava da política. Ele entendeu isso muito cedo e me passou isso também.

O meu pai era uma das poucas pessoas, no *rap*, que fazia as coisas fora das câmeras. Ele não ajudava porque tinha uma câmera virada para a frente dele, ele ajudava porque ele ajudava. E eu tive resposta para o porquê de ele andar com a Paula quando a deputada Paula Belmonte chegou até mim e minha mãe e propôs isso daqui. Ao contrário do que vocês pensam, não fomos eu e minha mãe que demos a ideia. Foi a deputada Paula Belmonte, e a resposta de tudo isso foi só uma.

Tubarão só anda com tubarão. Pessoas boas só andam com pessoas boas. As ruins só andam com as ruins. (Palmas.) E a deputada Paula Belmonte, realmente, foi um presente de Deus em nossa vida.

Então, sim, eu sou a favor da proposta. Esse é o pontapé inicial. Vai dar tudo certo. Nós podemos propagar o nome do meu pai. Nós devemos propagar o nome do meu pai por eras e eras.

De verdade, deputada Paula Belmonte, muito obrigada pela iniciativa. Sou muito grata. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, Safira.

Eu considero sua família amigos da minha família. Que Deus a abençoe, que Deus abençoe a sua carreira. Eu não me esqueço do dia em que você falou da responsabilidade de dar continuidade a todo esse legado do seu pai.

Que Deus a abençoe em prosperidade. (Palmas.)

Eu passo a palavra agora ao senhor Erasmo Lopes. Seja muito bem-vindo.

ERASMO LOPES – Saúdo a todos da mesa na pessoa da deputada Paula Belmonte. Boa noite a todos.

Galera, eu conheci o Jamaika há tempos. Eu estou com 52 anos, idade de Ceilândia. Então, estamos juntos nessa, vamos aqui.

Nada contra o saudoso Roriz; mas, antes de Roriz chegar, já existia o Quarentão. Galera, Roriz leva o nome, é um ícone de Brasília. Jamaika é o ícone de Ceilândia e do mundo. Não concordo com *outdoor* – desculpe, minha amiga –, porque é uma coisa comercial, troca-se de vez a propaganda. É uma coisa comercial. Jamaika não é comercial, é a história de Ceilândia para o mundo.

Então, galera, vamos fazer o simples, Quarentão está no nosso sangue, está na nossa vida. Jamaika, Rey e vários outros aqui nos apresentaram o Quarentão quando éramos meninos. Rivas, nós conhecemos o Quarentão.

O Quarentão hoje se torna o quê? DJ Jamaika. Jamaika é Quarentão, Quarentão somos nós. Ceilândia é reconhecida por Jamaika, está no mundo. Existe até uma música no filme *O Exterminador do Futuro*, com Arnold Schwarzenegger, que, se vocês não sabem, é do Jamaika. Então, vamos respeitar a história de Jamaika. Quarentão é? Jamaika!

Deputada, você é a responsável por apresentar isso. Nós só vamos votar. Correto, galera? *Show*!

Então é isso, galera.

Viva a Ceilândia! Viva o Jamaika!

É isso aí. Temos que respeitar o nome do Jamaika, como o nosso amigo Rey falou. Infelizmente, para ser reconhecido, tem que morrer. Deus levou o Jamaika, mas ele é de onde? É do nosso coração, é vivo para todo mundo. O Quarentão ser homenageado, sim, pelo DJ Jamaika vai representar mais Jamaika, vai representar mais Ceilândia. Isso é só um pequeno respeito à vida do Jamaika e à sua história.

Eu acho que é isso.

Obrigado a todos.

Continuo dizendo, gente. Não é tirando o respeito do Roriz, é colocando a quem merece, colocando um cara que levou Ceilândia para o mundo. Vamos fazer isso. O mínimo que podemos fazer – um pouquinho – é colocar o nome do nosso amigo DJ Jamaika lá. Ele representa cada um de nós e a história que ele sempre fez da Ceilândia para o mundo.

Obrigado a todos. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Eu quero agradecer ao Erasmo. Muito grata.

Quero agradecer a presença da TV Comunitária da Ceilândia, com o Carlos Alves. Muito grata pela presença de vocês.

Vou passar a palavra ao deputado Max Maciel para que ele registre a presença de algumas pessoas. Depois, daremos continuidade aos trabalhos.

DEPUTADO MAX MACIEL – Obrigado, deputada.

Quero fazer um registro de pessoas, para vocês saberem o peso de quem está nesta plenária hoje, para quem nos acompanha pela TV Câmara Distrital saber.

Estamos aqui com o Marquinhos da Smurfs; Lucimar da Bombi; Everaldo Souto, do *Jornal de Ceilândia*; Ramon e William Márcio, do Grupo de Opala de Brasília; Marcelo do grupo Antigos de Ceilândia; Carlos da TV Comunitária de Ceilândia; Cazuza do baile Charme da Capital – está aqui presente também; Ailton, menino de Ceilândia que faz parte do Conselho de Cultura; DJ Japa, do Sol Nascente; Caeg, letrista e músico; Thiago Alexandre – eu o vi passando, só o bonezinho; estou aqui captando a mensagem –; Bigodão do YouTube; grafiteiro Helon, grande artista de Ceilândia que marca a cidade por todos os lugares; nosso DJ Portela – também advogado –, do Relato Bíblico, um dos maiores grupos *gospel* do Distrito Federal.

Eram só alguns registros, deputada.

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, deputado.

Passo a palavra agora ao senhor Vinícius Andrade.

Seja muito bem-vindo, Vinícius.

VINÍCIUS ANDRADE – Boa noite a todos.

Meu nome é Vinícius. Sou morador aqui de Ceilândia. Sou servidor da Secretaria de Desenvolvimento Social.

Iniciando aqui, quero dizer que Brasília veio de um histórico. Brasília veio com um aspecto de planejamento. No ano 2000, era para Brasília ter 500 mil habitantes. Mas já foi uma cidade criada com autódromo, anfiteatro, centro de convenções, piscina de ondas, parque da cidade, estádio e por aí vai. Tudo isso para um pequeno e seleto grupo. Mas parece que, depois do início da cidade, já se perdeu aquele histórico de planejamento. Quando se vai para a cidades ditas satélites, vai-se perdendo tudo. Centro cultural vai ficando para depois.

Um dos pequenos espaços que nós tínhamos aqui em Ceilândia era o Quarentão, que era marcado por esse histórico da música, do centro comunitário. Todas as referências da cidade eram desenvolvidas ali. Eu fico triste quando vejo isso. Eu nasci aqui, morei na M Norte, naquela expansão da M Norte. Dali em diante foi tudo feito sem planejamento. A Chaparral foi sem planejamento, a expansão da M Norte foi sem planejamento, o Setor O foi sem planejamento.

Tudo para cá foi ficando desorganizado, e fomos perdendo os poucos espaços culturais que tínhamos. Na Praça do Cidadão, na 18, foi uma luta para conseguirmos manter um espaço cultural. Sobre o Quarentão também, não nos perguntam nada. "Vamos montar um restaurante comunitário?" "Vamos" "Onde tem um lugarzinho ali que podemos colocar?" "Cadê o planejamento público?" "Não, vamos tirar aquele espaço da cultura, que parece que é o lugar mais frágil, e vamos colocar um restaurante comunitário."

É importante o restaurante comunitário? Muito importante, mas o DJ Jamaika também saciou a fome da visibilidade, saciou a fome da falta de cultura na cidade. O restaurante comunitário é importante para saciar a fome da população e foi muito importante nessa pandemia pela qual passamos agora, mas não podemos esquecer que foi um lugar usurpado pelo poder público, pela falta de planejamento para poder adaptar e para um governante, de repente, falar: "Eu fiz um restaurante comunitário".

Por que não deixaram o Quarentão e fizeram um restaurante comunitário no espaço? Fico triste quando vejo o planejamento urbanístico, o PDOT, privilegiar simplesmente a habitação. Por exemplo, em frente ao restaurante comunitário, há uma área cercada para fazer mais um prédio comercial. Por que não se fez um restaurante comunitário ou um novo Quarentão ali no centro da cidade? Temos um espaço gigantesco aqui, atrás da Praça do Eucalipto, atrás da administração, onde cabe um estádio ou um ginásio. Aqui poderia ser feito um anfiteatro. Temos na cidade o Ferrock, temos o Forrolândia. Temos tantos movimentos culturais de música, com grandes concentrações de

pessoas, que precisam de um espaço planejado, de anfiteatro, de arenas que tenham segurança, que tenham mobilidade e que sejam centrais.

Temos espaço. Podemos adaptá-lo melhor conversando com a secretaria de educação para disponibilizar esse espaço para fazer um parque, um local de encontro de pessoas, de música. Que esses locais recebam o nome de DJ Jamaika.

Sou a favor de que DJ Jamaika seja o nome do restaurante comunitário? Sou a favor, sim. Esse é o primeiro passo, como já foi dito aqui, mas ele merece muito mais. Ele merece algo que represente a música, que represente a cidade, que represente todo o histórico que ele deixou em Ceilândia.

Peço aos deputados que nos ajudem nesse sentido. Olhem os espaços aqui na Ceilândia. Estamos vendo a beirada do hospital virar um prédio. Todo aquele espaço está virando um condomínio gigantesco, sem nenhum planejamento urbanístico, sem planejamento de rota de trânsito. Só jogam o prédio, o condomínio e, daqui a pouco, o trânsito fica gigantesco.

Nós quase perdemos o Sesi há pouco tempo porque um grande especulador da cidade queria transformar aquilo em condomínio. Perder o Sesi foi uma grande perda para a cidade. Hoje, graças a Deus, virou regional de ensino, que é utilizada como centro cultural. Ali as crianças estudam, aproveitam os espaços do Sesi que eram muito bons. Temos o Sesc, uma coisa mais privada, voltada para o pessoal do comércio. Lá é muito bom, tem teatro, mas precisamos de uma coisa da Ceilândia.

Sugiro que criemos um espaço atrás da administração, pegando esse espaço do Cilc em diante, indo para trás. Que façamos o planejamento de uma praça ou uma arena para podermos aproveitar todos os movimentos que temos na cidade, principalmente os voltados para a cultura e para a música.

Fica como sugestão usarmos esses espaços, não ficarmos com essa resistência a colocar o nome do DJ Jamaika. Ele merece, foi uma grande pessoa, ele matou muito a fome de cultura da cidade.

Parabéns a todos. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Grata, Vinícius. A sua fala sobre o planejamento me representa muito e acredito que representa também o deputado Max Maciel. Sou presidente da Comissão de Fiscalização, Governança, Transparência e Controle. O deputado Max Maciel é presidente da Comissão de Transporte e Mobilidade Urbana. Quando colocamos muitos prédios, afetamos diretamente a questão da mobilidade. Nós precisamos ter planejamento, e essa é a nossa intenção. Por isso, foi falado que estamos fazendo esta audiência pública para que possamos realmente ouvir a população e ver a sua necessidade. O nosso dinheiro vem com muito suor. Para ser usado tem que ser utilizado com muita responsabilidade.

Então, contem conosco.

Neste momento, passo a palavra ao senhor Cláudio Portela.

CLÁUDIO PORTELA – Boa noite. Eu caminhei 1 mil quilômetros hoje para chegar até aqui. Fiquei pensando se eu seria a única voz que se posicionaria de forma contrária à ideia, mas já vi que a sociedade... Este ato é um ato constitucional. É um ato que precisa ser feito mais vezes. Isso me traz alegria, porque parece que eu não sou o único que pensa o contrário.

Quando você pensa, Marcelo Landau, o DJ Jamaika era liberdade. O DJ Jamaika era Lobo do Asfalto, Rey. Então, isso pede que seja uma homenagem, dona Adriana, para que seja livre. O DJ Jamaika era uma pessoa livre! Tive a oportunidade de viver, de conviver, de tocar, de viajar, de estar presente e de receber ligações do negão me chamando carinhosamente com palavras livres.

O pacto, Caeg, é o seguinte. Vão colocar o nome no restaurante, deputada? Que seja apenas um princípio de continuidade, que não seja um cala-boca na sociedade ceilandense, porque, Max, como você sabe e conheceu, o DJ Jamaika era incisivo e tinha continuidade nos seus trabalhos. DJ Jamaika é base de Cirurgia Moral, é base de Caeg, é base de Ocimar. O DJ Jamaika não é apenas um lugar que tomaram da gente ou um restaurante em que, agora, de alguma forma, querem pôr uma placa com o seu nome.

Eu penso, deputado Max Maciel: "Quem foi Hélio Prates? Quem foram as pessoas que nós homenageamos nos nossos prédios?" O maestro Cláudio Santoro, pai do DJ Rafa, que todos conhecem, além de maestro escreveu 600 orquestras, 100 delas multipremiadas. Mais de 30 prêmios. E qual é a diferença neste momento, Rey, entre o maestro da elite e o maestro da quebrada? Nenhuma. Nós temos a mesma importância.

Então, me causa estranheza e um pouco de tristeza, dona Adriana, somente pensar em colocar o nome, sem uma proposta de continuidade. Não é que eu seja contra, Max, o que peço é: vamos colocar o nome? Vamos. Mas nós temos que fazer, Ocimar, um pacto de continuidade. O que nós queremos? Quantas escolas com nomes?

Pergunto de novo: "Quem foi Hélio Prates?" Porque nós temos uma avenida com o nome Hélio Prates, em que passou todo o cortejo do funeral do irmão Jamaika, mas o que trouxe para a sua cidade o Hélio Prates? Muito menos do que trouxe DJ Jamaika! Muito menos! (Palmas.)

Então, que seja com continuidade. E eu falo isso com propriedade. Não é segredo para ninguém. Eu ando e estou em contato 24 horas com o *hip-hop*. Eu sei o que o *hip-hop* sente, eu sei do que o *hip-hop* precisa. Nós não precisamos apenas de um nome, nós precisamos de um projeto contínuo.

Somos todos Ceilândia, somos todos DJ Jamaika, pela continuidade do legado.

Obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, Cláudio.

Esta é a proposta e o primeiro passo: que consigamos recuperar o nome e o centro cultural, que consigamos transformar Ceilândia e levá-la como cultura, como disse o deputado, à capital do *hip-hop* no Brasil.

Que Deus o abençoe, esse é o nosso compromisso, Cláudio.

Passo a palavra à senhora Débora Sabino.

DÉBORA SABINO – Serei breve.

Boa noite, meu administrador querido, deputada Paula Belmonte, deputado Max Maciel, Adriana, todo o pessoal – sou ruim em identificar nomes.

Eu comecei a gostar de música por causa do Jamaika. Eu tinha meus 18 anos quando o conheci. Quando havia algum baile, algum lugar em que houvesse música boa para escutar, meu pai só me deixava ir se o Val, irmão da Adriana, e o Nego Falcon estivessem presentes para poder confiar minha vida a eles.

Eu nunca fui muito apegada ao Jamaika, andávamos em caminhos diferentes na cidade, mas sempre nos encontrávamos. Eu tenho uma admiração – gente, eu sou chorona – muito grande por essa família, não só pelo Jamaika. O Jamaika tinha a sua cabeça, mas ele foi quem foi, durante muitos anos – principalmente em seus últimos 35 anos de vida – porque teve uma grande mulher em sua vida, a Adriana. Ele também teve a linda Safira, que sempre deu muito ânimo para suas criações.

Em relação ao restaurante comunitário, eu gostaria de dizer que, nos anos 1980, quando a Samambaia foi fomentada, logo depois, várias regiões administrativas foram criadas no Distrito Federal por meio do Roriz, que foi o ícone do Distrito Federal, depois do JK. Foi! Mas o restaurante comunitário, o Rorizão, como outras pessoas já falaram, está em todo lugar: "Ah, vamos reinaugurar o Rorizão de Santa Maria, o Rorizão de tal lugar, o Rorizão..." Todos eles são Rorizão.

É uma ótima proposta colocar o nome do DJ Jamaika no restaurante comunitário de Ceilândia, embora fique muito aquém de quem ele é. Nós temos um lugar na Ceilândia que muita gente não conhece – e eu digo isso porque moro na Ceilândia –, por exemplo, a biblioteca pública – desculpa gente –, que fica lá na baixa da égua. Quem mora no P Sul tem que pegar 2 transportes para ir para tudo quanto é lugar do outro lado de Ceilândia. Eu já reclamei também para o pessoal do deputado Max Maciel sobre a locomoção das pessoas com ônibus urbano.

Temos que ter um centro cultural DJ Jamaika. Em Brasília, assim como em todas as outras cidades do interior, toda cidade satélite que é movida por música, que tem a juventude fomentando a

música o tempo todo, tem que ter uma praça, praça família Jamaika. Não só DJ Jamaika, mas família Jamaika, em todas as cidades satélites. No P Sul eu quero uma: praça cultural DJ Jamaika. É isso.

Obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata, Débora.

Lembro que a nossa proposta é exatamente dar o primeiro passo para que possamos realmente registrar esse nome nos 4 cantos de Ceilândia. Então, nós vamos fazer isso e tenho certeza que terei o apoio do deputado Max Maciel, bem como de todos os outros parlamentares da Câmara Legislativa. Conte conosco.

É importante deixar registrado na nossa audiência pública que o restaurante tem significado porque ele é o início de tudo, é o início do Quarentão, do qual muitos dos senhores – eu vi aqui a emoção do Silvinho, do Wellington – contaram com o olhar cheio de lágrimas a história. Então, é a recuperação da história para que possamos fazer esse espaço voltar a ser o que era.

Eu passo a palavra agora à senhora Evanete Feitosa. Seja bem-vinda.

EVANETE FEITOSA – Boa noite. Eu pedi para tirar isso porque nós só temos uma arma: o microfone. Ele nos conduz a lugares incríveis, e eu não gosto que essa arma fique apontada nem para mim e nem para o meu povo. E nós vamos para perto da câmera, ou não, para perto das pessoas, para perto da nossa história.

Há 52 anos, quem diria que nos calando de uma região iriam nos matar. E aqui, olhem: resistentes, sobreviventes. E nós sabemos o que queremos dizer e não paramos de dizer, jamais!

Eu conheci, hoje é Rivas, mas eu o conheci com outro nome. Quando eu tive a oportunidade de conhecê-lo, foi dentro do Quarentão, em 1998, quando finalmente conseguimos o centro cultural, perdemos o Quarentão. É escolha? É comida, é diversão ou é arte? Nós queremos tudo. Nós somos Ceilândia. Nós queremos que a nossa história seja registrada, que esse nome seja o estandarte que propicie novas conquistas. Nós não queremos fazer a escolha, queremos contribuir com o futuro, em que Ceilândia passa a ser a escolha de quem quer qualidade de vida.

Há um tempo eu falei para o administrador: "Ceilândia ferve arte em todas as tendências musicais, artísticas, mas não temos um espaço que desenvolva isso". É por isso que ocupamos as esquinas, os becos, ocupamos as nossas cabeças, tentamos o FAC e conseguimos ocupar um cargo na Câmara Legislativa. Ai daqueles que acharam que iam nos calar! Chega a ser cômico! Vou encerrar, senão começo a falar demais e não paro nunca mais.

Roriz fechou o Quarentão, onde houve o primeiro encontro de grafiteiros do Distrito Federal e, sabiamente, Jamaika foi lá e disse: "Agora eu recupero!" Abaixo Roriz e viva Jamaika! E viva eternamente esta Ceilândia! É isso o que somos! (Palmas.)

Obrigada.

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata. Que Deus abençoe!

Concedo a palavra ao senhor Ítalo Amorim. Já saiu? Ele está aqui.

Onde está o Caeg? Daqui a pouco é você.

ÍTALO AMORIM – Boa noite a todos.

Gente, para quem não me conhece, meu nome é Ítalo. Fazemos parte do grupo Lobo do Asfalto. Tive o prazer de conhecer o DJ Jamaika, o Rei, o Cabala, que representam esta cidade, onde me incentivaram a ter uma casa. Eu pedia ao Jamaika para sair daqui, porque aqui não era lugar gente, não é? Ele me trouxe para cá para me apresentar a cidade. Foi quando pude ver que a Ceilândia não era o que falavam. Gostei da cidade e hoje tenho uma propriedade aqui. Não moro aqui, mas irei morar.

Acho mais que justo esse restaurante ter o nome dele, porque, se esta cidade está no mapa do Brasil, foram eles que a colocaram – os 3. Se não tiver o nome dele – quem me conhece sabe disto –, derrubaremos esse restaurante. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Ítalo, grata.

Concedo a palavra ao Caeg, para concluir.

CAEG – Boa noite a todos da mesa: Rei, deputada Paula Belmonte, deputado Max Maciel e Adriana.

Minha história com o Jamaika começa desde sempre, desde que me conheço por *rapper* e desde que me envolvi no *rap.* O Rei sabe disso e a própria Adriana também. Frequentei muito a casa deles quando o estúdio ainda era lá. Dividimos muito o espaço naquela salinha da casa da Adriana.

Acho justo, devido e merecido. Já foi falado mais de 50 vezes, hoje, que o espaço, antes de ser restaurante comunitário Roriz, era Quarentão. Ali se iniciou a história do *hip-hop* no DF, na Ceilândia e no Distrito Federal. Enfim, ali se abriram as portas para sermos o que somos e termos tanta representatividade dentro do movimento nacional, inclusive.

Sou um cara muito grato a tudo o que o Jamaika fez. Emociono-me porque participei dos últimos momentos com ele, tivemos a oportunidade de gravar o documentário que saiu por último – não é, Paulo? Infelizmente não tivemos a oportunidade de concluir tudo o que tínhamos planejado.

Ficar somente no restaurante, também não concordo. Acho que devemos ir além. O restaurante é o princípio, temos que dar voz, dar nome a lugares que, de fato, foram nossos, lugares da periferia, onde a periferia dominou por décadas, mas que, infelizmente, perdeu espaço. Como foi dito, a cultura é sempre vulnerável. As pessoas sempre tendem a tomar o que é cultural, infelizmente. Nos países de primeiro mundo, nós observamos que a cultura, o esporte, o lazer e a educação são prioridades. Infelizmente, nós não chegamos a esse nível ainda, mas temos alguns representantes dentro da Câmara Legislativa, na política em geral, que têm como propósito fazer disso uma realidade.

Eu agradeço a todos que aqui estiveram. Creio que é um sonho possível e nós vamos conquistar, porque não vamos parar por aqui. A nossa luta é incessante. Nós vamos dar o nome do negão aos espaços que a ele for merecido, beleza?

Obrigado pela oportunidade. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Muito grata.

Nós escutamos todas as pessoas que se inscreveram.

(Manifestação fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Você se inscreveu? Então, venha cá. Pode vir. Eu não recebi a sua ficha, mas pode vir.

LIU – Boa noite, deputados.

Quem não chora não mama, não é? Eu me inscrevi, sim.

O que acontece? O DJ Jamaika é um cara que eu conheci dentro do movimento *hip-hop*, no ano de 1982, como alguém falou. Nós vínhamos ao Quarentão. Eu sou nascido e fui criado aqui na Ceilândia Sul, muita gente pensa que eu sou de Sobradinho II.

O DJ Jamaika, mano... Só eu dentro de escolas com ele, não é só o projeto Repensando, não. É cultura nas escolas, entenderam? Quantas vezes nós fizemos movimentos para trazer alimentos? Os bailes, antigamente, eram para arrecadar alimentos e fazer cestas básicas. Nós cobrávamos em alimento para fazer cestas básicas e trazê-las para as comunidades.

O DJ Jamaika tem essa homenagem por merecimento. Ele já alimentava esta cidade não só de cultura, mas também com alimento, mesmo, e trabalho dentro da cidade. É um cara que tem esse nome aqui. Vocês veem aqui a Caixa D'água com o Jamaika do lado. É a combinação de tudo.

Eu ouvi muitas pessoas falando: "Poxa, mas não tem nada a ver. Aqui poderia ser um museu e tal." Mano, nós não vemos a Ceilândia sem o DJ Jamaika, tá ligado, irmão? Não só o DJ Jamaika, mas também outros caras da cultura.

Há um mano também, de quem também não podemos nos esquecer de falar, que é o Wagner Tavares, que já morreu. Ele tinha um projeto antes mesmo do DJ Jamaika. Ainda vivo, quando houve alguns eventos aqui, ele falou que iria colocar os quatro elementos do *hip-hop* aqui na frente: o grafite, o DJ, o *break* e os MCs.

Então, o DJ Jamaika continua alimentando a nossa cidade. Não só com comida, mas também com cultura. Ele é o começo de tudo. Quantos alunos nós não formamos dentro de escola? Nós

queremos fazer por merecer, queremos chegar aqui no centro e nos lembrarmos não só do DJ Jamaika, mas do DJ Jamaikão, tá ligado?

Vamos nos alimentar lá no Jamaikão, seja de cultura, seja de alimento, mesmo. (Palmas.) É isso, mano. É isso aí.

O DJ Jamaika, como disse a nossa deputada Paula Belmonte e o nosso amigo Rei, do Cirurgia Moral... Você falou que tem 48, mas são 56. Eu descobri.

O DJ Jamaika, meu irmão, mora dentro do coração da Ceilândia, e o centro da Ceilândia é o lugar dele. Eu trabalho aqui dentro da Ceilândia desde pequeno, desde quando era menor de idade. Já tive loja aqui, sou empreendedor individual, além de músico. Eu vendia roupa, tênis, tudo aqui. Eu ia a São Paulo, voltava, e o DJ Jamaika sempre estava presente aqui nesse lugar. Isso aqui é a nossa casa. Não há nada melhor que colocarmos o nome daqui de DJ Jamaika para alimentar o coração.

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Jamaikão, como você disse. Que Deus o abençoe. Estou grata.

LIU – Jamaikão, é isso aí! Falou, galera! Agradecemos a presença de todos.

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Grata, Liu.

Pode falar, dona Selma.

SELMA ANDRESSA – Eu quero retificar umas palavras, porque, no dia da eleição, não pude fazê-lo, e o meu coração está pedindo por isto: o meu voto, que eu me esqueci de falar. Gente, vamos votar "sim". Vamos colocar restaurante DJ Jamaika, porque ele fez muito pela nossa cidade. Se hoje – hoje – há esses maravilhosos DJs aqui, a cultura, é por causa dele. Nós vamos, sim.

Deputada Paula Belmonte, deputado Max Maciel, Adriana estão de parabéns e muito obrigada mesmo, de coração. O Sol Nascente agradece.

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Grata.

Pessoal, nós temos aqui um rito. O rito era fazer a audiência pública para escutar as pessoas da Ceilândia. Nós estamos aqui com testemunhas, registrando ao vivo, e nós temos uma grande notícia. Houve algumas pessoas – e eu acho que isso é muito importante – como a Kelly, a Denise, que também falaram, com todo o respeito, sobre a importância do pensamento delas, e é importante registrarmos isso, mas tivemos a grande maioria dizendo "sim" à mudança do nome para DJ Jamaika. (Palmas.)

Então, nós estamos registrando isso nesta audiência pública.

Quero registrar aqui a presença do Robson, ex-superintendente do Incra, uma pessoa que defende muito também o setor rural; do Camarão, que faz um trabalho social com esporte; do meu amigo Ricardo, da sua companheira e filho. Que Deus abençoe vocês!

Agora, nós temos, para comemoração do resultado desta audiência pública, a apresentação da nossa querida Safira, filha do DJ Jamaika, e do Rivas. Podem vir.

Estou muito grata.

(Apresentação musical.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Vamos lá! Vamos quebrar o protocolo? Eu quero anunciar a Vanessa e a Ana Gláucia, que vieram de Brazlândia para prestigiar. Eu quero chamar todas as pessoas que fizeram parte dessa história para que venham aqui. Vamos dançar e vamos cantar. Venha cá, Caeg. Vamos? Vamos lá!

RIVAS – Vamos invadir, galera! Cheguem mais! Cheguem mais! Aumentem o volume desse esqueminha para nós! Quem sabe cantar venha conosco!

(Apresentação musical.)

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Nós ainda temos alguns minutos para encerrar.

Desculpe-me, Dilson, por eu estar quebrando o... Desculpe-me, mas não dá para resistir. Vamos lá, mais uma. Cadê o pessoal?

REI – Eu acho que essa música fala de um lado da Ceilândia, mas que a representa como um todo. Ela foi, eu acho, a primeira música que pipocou no Álibi. Vamos cantar à capela e nas palmas, beleza? É só a primeira parte. Vai, Maluquinha. Vai lá.

(Apresentação musical.)

RIVAS – Muito obrigado, geral. Deputada, muito obrigado mesmo. Deputado Max Maciel, muito obrigado, meu camarada. Deputada, tá ligada que você está fazendo a diferença na vida da família? Muito obrigado por tudo.

Pessoal, por favor, eu peço uma salva de palmas para a deputada. (Palmas.)

Uma salva de palmas para o nosso irmão deputado Max Maciel e para o nosso administrador geral. (Palmas.)

É isso. Muito obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADA PAULA BELMONTE) – Obrigada, Rivas.

Quero agradecer a oportunidade de estar aqui. Que todos nós voltemos para casa com Deus, com a guarnição. Graças a Deus, nós conseguimos fazer esta audiência pública com esse resultado tão positivo que é a mudança do nome para DJ Jamaika.

Agradeço às autoridades e aos demais convidados que nos honraram com suas presenças.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada esta audiência pública às 21 horas e 33 minutos.

(Levanta-se a reunião às 21h33min.)

Observação: nestas notas taquigráficas, os nomes próprios ausentes de *sites* governamentais oficiais foram reproduzidos de acordo com a lista disponibilizada pelo Cerimonial desta casa ou pelo gabinete da deputada autora do requerimento de realização deste evento.

Siglas com ocorrência neste evento:
Cilc – Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia
DJ – *Disc Jockey*
FAC – Fundo de Apoio à Cultura
GT – Grupo de Trabalho
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
PDOT – Plano Diretor de Ordenamento Territorial
Sesc – Serviço Social do Comércio
Sesi – Serviço Social da Indústria

Documento assinado eletronicamente por **MIRIAM DE JESUS LOPES AMARAL - Matr. 13516**, **Chefe do Setor de Taquigrafia**, em 20/07/2023, às 09:39, conforme Art. 22, do Ato do Vice-Presidente n° 08, de 2019, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 214, de 14 de outubro de 2019.

A autenticidade do documento pode ser conferida no site:
http://sei.cl.df.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0
Código Verificador: **1260228** Código CRC: **F4CA1250**.